

# MARGINÁLIA, ‘ZEITGEIST’ E MEMÓRIA DO TEMPO PRESENTE:

os comentários de leitores no  
ciberjornalismo

Copyright © 2012  
SBPjor / Associação  
Brasileira de  
Pesquisadores em  
Jornalismo

MARCOS PALACIOS  
*Universidade Federal da Bahia*

**RESUMO** - Este ensaio propõe-se a uma aplicação do conceito de Marginália ao texto jornalístico e mais particularmente sua utilização para a caracterização de Comentários de Leitores no Ciberjornalismo, como uma forma emergente de Memória. Marginália é discutido em sua acepção clássica e em seguida transposto para a situação de produção jornalística. A ideia de Marginália jornalística é também associada ao tema da Guerra das Memórias, mas assinala-se, fundamentalmente, o valor da preservação de tais comentários como possíveis indicadores de um *Zeitgeist* a ser eventualmente recuperado, a partir de uma determinada distância histórica. São fornecidos alguns exemplos de Marginália em jornalismo em veículos *on-line*. Chama-se a atenção para a necessidade de entendimento de Marginália como um “texto”, no sentido amplo da palavra, pelo que todos os formatos (multi)mediáticos incorporados como contribuições de leitores devem ser englobados pelo conceito e, conseqüentemente, pelos esforços que se devem envidar para a sua preservação para usos futuros.

**Palavras-chave:** Marginália. *Zeitgeist*. Ciberjornalismo. Comentários de Leitores. Jornalismo Participativo. Memória.

## MARGINAL NOTES, ZEITGEIST AND MEMORY OF THE PRESENT TIME readers' comments in cyberjournalism

**ABSTRACT** - This work proposes an application of the concept of Marginal Notes to journalistic texts, and more specifically, their utilization for the characterization of Readers' Comments in Cyberjournalism as an emerging form of Memory. The concept of Marginal Notes is discussed in its classical sense and then transposed to the situation of journalistic production. The idea of journalistic Marginal Notes is also associated with the topic of the War of the Memories, but what is basically distinguished is the value of the preservation of these comments as possible indicators of a *Zeitgeist* to be possibly recovered, from a specific historical distance. Some examples of Marginal Notes in journalism in online media are furnished. Attention is called to the need for understanding Marginal Notes as a “text”, in the broad sense of the word, since all the (multi)media formats incorporated as readers' contributions should be included in the concept, and consequently efforts should be made for their preservation for future uses.

**Keywords:** Marginal Notes. *Zeitgeist*. Cyberjournalism. Readers' Comments. Participatory Journalism, Memory.

The Marginalia that we see and write today are in a direct line of descent from those of two thousand years ago. Indeed the custom may be as old as script itself, for readers have to interpret writing, and note follows text as thunder follows lightning”  
(H. J. Jackson)

As seções de comentários de leitores podem ser hoje consideradas a forma mais utilizada e mais popular de abrir e fomentar a participação no ciberjornalismo (DÍAZ NOCI *et alii* - 2010).

Os trabalhos em torno da utilização dos comentários de leitores no ciberjornalismo tem se concentrado, majoritariamente, em torno de algumas questões, que muitas vezes aparecem superpostas nos estudos realizados:

a) os possíveis efeitos dos mecanismos participativos na ampliação da esfera pública, através da criação ou ampliação de espaços de debate e deliberação (CORREIA, 2002; GILLMOR, 2005; MAIA, 2008; GOMES; MAIA, 2008), bem como na criação de uma nova dinâmica entre a agenda midiática e uma “agenda pública secundária” e *à posteriori* derivada diretamente da agenda mediática, filtrada e difundida rizomaticamente através de comentários, envio de notícias por *e-mail*, postagens de chamadas em *blogs* e redes sociais (SHOEMAKER *et alii*, 2010);

b) os possíveis efeitos de tais mecanismos na viabilização de “modelos de negócios” no ciberjornalismo, especialmente no que se refere à fidelização de usuários (PALACIOS, 2010; DÍAZ NOCI *et alii*, 2010; THURMAN, 2008);

c) os possíveis efeitos de aumento da resolução semântica (FIDALGO, 2007) que tais comentários possam trazer à informação jornalística na forma de complementações, retificações e/ou possíveis sugestões de desdobramentos (BRUNS, 2005);

d) as consequências éticas decorrentes da chancela de autenticidade e credibilidade que uma plataforma e uma logomarca jornalística podem emprestar a comentários que podem ser “incorretos, ofensivos e sem suporte de fatos” (SINGER; ASHMAN, 2009, p. 12-13)<sup>1</sup>;

Neste ensaio abordarei uma outra dimensão a ser considerada no bojo da generalização dos comentários como parte integrante da produção ciberjornalística: sua caracterização como uma nova forma de Marginália e seus possíveis efeitos sobre a Memória, especialmente no que se refere às relações entre Memória jornalística e História<sup>2</sup>.

### **Marginália em perspectiva histórica**

Em um *paper* (PALACIOS, 2009) apresentado no *I Congresso de Ciberperiodismo y Web 2.0*, em 2009, tive oportunidade de apresentar para o debate alguns tópicos sobre as relações entre Memória jornalística e História. Não cabe aqui repassar tais ideias, mas é oportuno lembrar alguns dos pontos então apenas assinalados e que serão, em seguida, desenvolvidos em mais detalhes neste ensaio.

Importa voltar a ressaltar, em primeiro lugar, que Memória e História estão longe de ser sinônimos. “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [e] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado” (SODRÉ, 2009, p. 9).

Importa igualmente lembrar nossa sugestão que

no limite mínimo, comentários de leitores às notícias (potencializando enormemente as antigas *Cartas do Leitor*), bem como opiniões deixadas em fóruns ou seções criadas para abrigar “contribuições de jornalistas cidadãos” passam a funcionar como uma espécie de Marginalia ao texto jornalístico, como outrora anotavam nas margens suas opiniões e observações os copistas dos antigos manuscritos. Uma nova área de interesse para o historiador deve abrir-se, portanto, a partir de tais inscrições, que somam vozes de usuários e registram suas reações aos textos originalmente produzidos pelos jornalistas (PALACIOS 2009).

É justamente essa ideia de **Comentários de Leitores** enquanto uma nova forma de **Marginalia** que pretendo delimitar e desenvolver neste ensaio.

A possível caracterização das opiniões emitidas por leitores como Marginalia, deve iniciar-se, necessariamente, com uma discussão em torno dessa noção e possíveis ajustes para sua utilização com respeito a essa prática no âmbito do jornalismo.

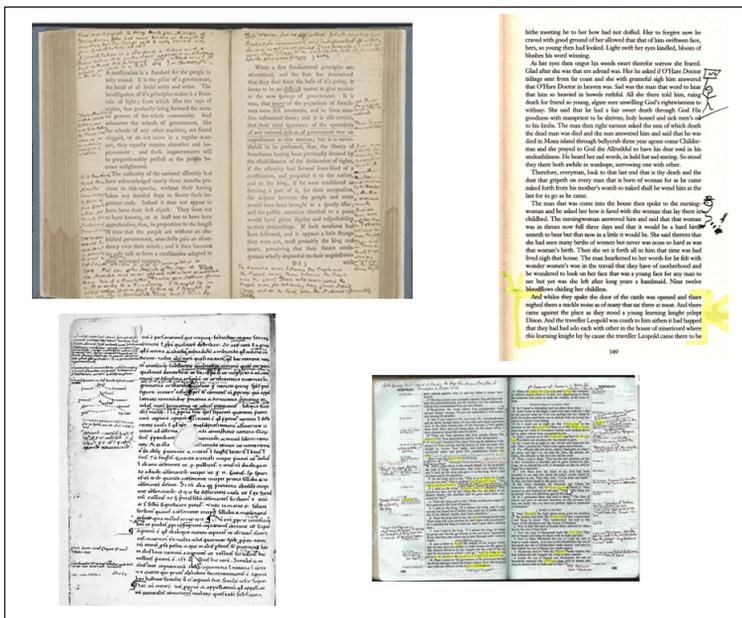
De uma maneira ampla, pode-se caracterizar a Marginalia como qualquer tipo anotação feita por um leitor em um texto.

Um primeiro elemento a assinalar é que a Marginalia, enquanto produção de um texto paralelo, deve ser entendida na acepção plena de “texto”, já que pode ser constituída igualmente por símbolos, gráficos, desenhos etc. e não apenas texto no sentido alfabético da palavra.

Um segundo aspecto a ser ressaltado diz respeito à dimensão temporal do fenômeno. As anotações feitas à margem de um texto podem ter uma utilidade imediata para quem as cria, como por exemplo facilitar a apresentação das ideias principais de um artigo em um seminário acadêmico, mas podem igualmente sobreviver a essa temporalidade imediata e mesmo extrapolar em muito as intenções originais de seu criador. Um exemplo clássico de dupla temporalidade de uma Marginalia

# é encontrado nas famosas Glosas Emilienses<sup>3</sup>.

Figura 1 - Marginálias podem ser indicações compreensíveis apenas para quem as criou



As Glosas Emilienses são anotações em latim, romance e basco, escritas no século XI, provavelmente por um estudante, em um texto latino, na biblioteca do Monastério de San Millán, na Espanha, com a clara intenção de resolver dificuldades de compreensão sintática, morfológica e léxica daquele texto latino. No entanto, em meio a tais anotações encontrou-se “a mais antiga aparição escrita (até agora) de algo que não é latim e parece castelhano”, e constitui “o primeiro exemplo histórico de nossa língua” (ALARCOS LLORACH, 1982, p. 10 e 17). Ou seja, sem qualquer intenção desse tipo, a Marginália no manuscrito estava criando o primeiro registro de uma nova língua: o castelhano.

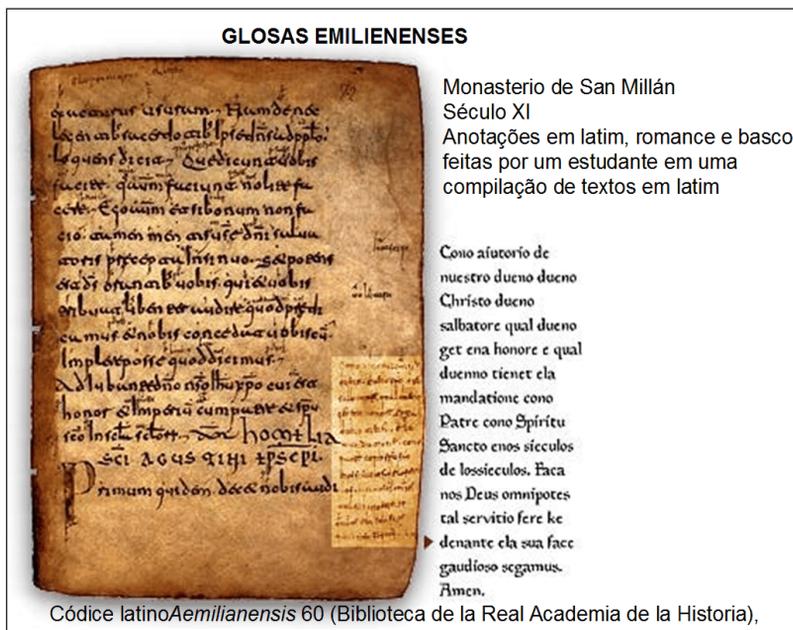
O texto diz:

**“Cono aiutorio de nuestro dueno, dueno Christo, dueno Salvatore, qual dueno get ena honore, e qual duenno tienet ela mandatione cono Patre, cono Spiritu Sanc to, enos sieculos de losieculos. Faca nos Deus omnipotes tal serbitio fere ke denante ela sua face gaudioso segamus. Amen”.**

As Glosas foram escritas no século XI, porém somente descobertas e identificadas em termos de seu valor linguístico em inícios do século XX<sup>4</sup>. Esse interregno de séculos situa a Marginália na província

do historiador, no trabalho de reconstrução daquilo que, em um determinado momento passado, nada mais foi do que Memória imediata e utilitária, anotações para o não esquecimento de um dado presente, no caso a lição em latim sobre a qual se debruçava o estudante, naquele longínquo século XI.

Figura 2 - As Glosas Emilianenses ilustram as possibilidades de múltiplas temporalidades das Marginálias



Evidentemente, neste caso, temos uma clara dupla temporalidade, mas poderíamos falar, mais apropriadamente, de uma múltipla temporalidade potencial das Marginálias. Consideremos um exemplo: Byron, Shelley e outros autores de seu grupo de românticos costumavam compartilhar seus livros e anotar impressões nas margens. As anotações serviam, é claro, a um propósito imediato para o grupo, mas ao serem preservadas passaram a representar importantes elementos para o estudo das ideias daqueles autores, numa sucessão de interpretações, que se vão alterando à medida em que a crítica literária do Romantismo vai também se desenvolvendo e modificando, ao longo das décadas. Ou seja, muitas releituras das mesmas Marginálias são sempre possíveis.

### Márginalia e escrita jornalística

A primeira questão controversa que se coloca é quanto ao uso

do termo *Marginália*, quando nos referimos ao texto jornalístico. O uso corrente do vocábulo refere-se a anotações em livros ou manuscritos. Até que ponto, portanto, pode-se falar em *Marginália*, quando o objeto de estudo é o jornal, seja ele impresso, seja o ciberjornal de nossos dias?

Em um estudo que certamente tem porte para se tornar seminal, H. J. Jackson explicitamente exclui os jornais de seu *corpus* de estudo, por entender que “as pessoas não fazem anotações em jornais” (2001, p. 14). Tal ideia negativa parece estar associada à interpretação de que os jornais constituem *efêmera*, não sendo, portanto, guardados para posterior consulta, como os livros, além de serem de uso exclusivo de um leitor, não circulando por outros leitores como soe acontecer, mais frequentemente, com os livros.

As duas noções, no entanto, são questionáveis. Por um lado, é sabido que os jornais impressos são lidos por múltiplos usuários, fato que é levado em conta quando são calculados números de leitores com relação à circulação<sup>5</sup>. Tal utilização múltipla de um mesmo exemplar era ainda mais acentuada no século XIX e a guarda de jornais ou sua clipagem são práticas comuns desde sempre. A própria H. J. Jackson, em uma obra posterior (JACKSON, 2005), fala da circulação dos exemplares de jornais por muitas mãos e - ainda mais importante - a partir de um estudo sobre a formação das audiências na Inglaterra (KLANCHER, 1987), aponta para ao fato de que leitores e autores no caso dos jornais eram em grande medida intercambiáveis, já que até 1830 os jornais dependiam fortemente das contribuições de leitores a ponto de se poder falar de um “intercâmbio comunal de escrita e leitura”. De certa maneira os “comentários” entravam nas edições seguintes à guisa de “contribuições” aos assuntos anteriormente tratados. Desconheço, no entanto, qualquer estudo que se volte especificamente para o levantamento de possíveis marcas de leitores deixadas no próprio corpo dos jornais impressos, enquanto *Marginália*, na acepção mais restrita da palavra.

### **Ciberjornalismo e *Marginália***

Com o ciberperiodismo os comentários passam a ser incorporados ao mesmo espaço do texto jornalístico original, de maneira que podemos falar de anotações de margem, no sentido físico do termo.

A novidade, ao se considerar os comentários de leitores em ciberjornais como *Marginália*, é seu remetimento a uma dimensão temporal indefinida, retirando-os do âmbito do registro “quente” do acontecimento e a reações ao acontecimento para colocá-los na perspectiva de “primeiro rascunho” (ZELIZER, 2008, p. 81) da História,

aguardando por um olhar profissional que transforme esse “rascunho” em “texto acabado”, “versão final”, em História, na acepção disciplinar de um campo de estudos das Humanidades.

Figura 3 - Os comentários dos leitores incorporam-se ao texto original.



Ao fazer esse movimento de deslocamento temporal e programático/disciplinar do lugar dos comentários, classificando-os como Marginália, estamos igualmente afirmando que – do ponto de vista estritamente histórico – perdem importância questões que são centrais nas abordagens de estudo desses mesmos comentários, que elencamos no início desta comunicação. Assim, **deixa de ser** objeto a questão do “alargamento ou não da esfera pública”; da eficácia do mecanismo na viabilização econômica das empresas de comunicação; da maior ou menor relevância ou exatidão dos temas tratados no fluxo dos comentários; da maior ou menor somatória de carga semântica imediata; ou das consequências da utilização da ferramenta em termos éticos e deontológicos. Aspectos de todas essas questões podem voltar à pauta, sendo estabelecidos como pontos de interesse, quando da análise histórica dos comentários, porém terão tanto valor se apresentarem valores positivos, quanto negativos. Ou seja, tão importante, em termos de análise histórica, é a **pertinência** quanto a **não pertinência** dos comentários sobre um determinado assunto; tanto a presença quanto a

ausência de cargas e marcas ideológicas; tão importante o que foi **dito**, quanto o que foi **silenciado**.

Além disso, a simples quantificação da Marginália, produzida enquanto comentários espontâneos a notícias publicadas, pode constituir um elemento válido para a compreensão de aspectos da recepção jornalística, como ilustrado no estudo de Shomaker *et alii* (2010).

Ainda assim, e mesmo na dimensão disciplinar da História, haverá sempre um “nível micro”, no qual comentários específicos – autorais ou anônimos - altamente pertinentes (“pérolas”) poderão ser peneirados a partir dos conjuntos existentes, ficando em primeiro plano, neste caso, a questão da agregação de valor semântico (FIDALGO, 2007). É possível, por certo, antecipar-se que a garimpagem de tais comentários com alto poder de agregação de valor semântico ou com interesse intrínseco por razões autorais, por exemplo, será uma tarefa difícil.

Muitas “pérolas” em comentários e Cartas de Leitores foram identificadas em jornais impressos, ao longo do tempo. A autoria pode conferir enorme valor a tais documentos. Um caso exemplar são as cartas enviadas ao *The New York Times*, que podem ser pesquisadas em seu arquivo *on-line*, e que contém assinaturas destacadas, como as de Mark Twain ou Albert Einstein. Buscas desse tipo vão se fazendo mais fáceis, à medida que os acervos são digitalizados e começam a surgir serviços altamente especializados de buscas em jornais<sup>6</sup>.

Diferentemente das Cartas de Leitores dos jornais impressos, os comentários de leitores no ciberjornalismo são, em grande medida anônimos, ainda que em muitos casos, o direito de fazer comentários só se estabeleça se o leitor concordar em fazer – previamente - sua inscrição e fornecer dados sobre sua identidade.<sup>7</sup>

### **Comentário espontâneo x Comentário induzido**

Persistindo na busca de paralelos entre a Marginália clássica e os comentários de leitores em notícias *on-line*, caberia uma breve apreciação dos diferentes tipos de Marginália, em termos de seu endereçamento. Para quem são produzidas as notas marginais?

Em se tratando de Marginália clássica, em livros, um triplo remetimento potencial pode ser identificado:

a) notas para o uso do próprio produtor da Marginália, sejam comentários de caráter crítico, adendos ou simples marcas de leitura destacando passagens importantes;

b) notas direcionadas para outros possíveis leitores do texto, dentre os quais se poderia contar, eventualmente, o próprio autor, como

salienta Jackson (2005), ao tratar das formas de leitura e circulação de livros (e portanto de Marginálias) ao longo do século XIX.

No caso da Marginália em produtos ciberjornalísticos, estamos tratando evidentemente de um uso que se insere no ítem **b)** acima, uma vez que as notas para uso próprio são substituídas pela clipagem do material, muitas vezes em espaços do próprio *site* jornalístico, aberto à comunidade de leitores, e nos quais os usuários do jornal são convidados a montarem seus próprios *blogs* e manterem seus espaços privativos de clipagem<sup>8</sup>. A Marginália jornalística na forma de comentários tem como destinatários outros leitores da notícia e seus autores.

É importante também ressaltar-se que ao serem produzidas na forma de comentários espontâneos às notícias publicadas e não como “comentários induzidos”, como no caso de fóruns, nos quais é a própria empresa de comunicação que determina os tópicos para debate, os comentários às notícias têm como resultado a produção de uma agenda pública de caráter secundário, filtrada a partir da agenda geral midiática proposta pelo veículo de comunicação. Nesse sentido, mais uma vez é de se assinalar que, independentemente do valor intrínseco dos comentários, o seu próprio volume constitui um elemento de interesse e um objeto de análise. Tal utilização quantitativa pode ser identificada em trabalho de Shoemaker *et alli* (2010), que discutem a formação dessa agenda pública secundária derivada da agenda mediática, através da identificação e comparação intercultural dos ítems “mais comentados” em jornais dos Estados Unidos, Brasil e China. “Quando os leitores se comunicam com outros leitores, aumentam o processo normal de *gatekeeping*, porém suas escolhas podem não refletir os valores das notícias dos jornalistas que elaboraram os sites” (SHOEMAKER *et alli*, 2010, p. 58).

O levantamento puramente quantitativo de Marginálias, na forma de comentários espontâneos às notícias, pode, portanto, ser um elemento utilizável para o entendimento das formas de seleção e valoração de informação em culturas distintas, independentemente do valor intrínseco dos comentários em termos de acréscimo de “valor semântico” (FIDALGO, 2007).

O tratamento quantitativo da Marginália pode constituir assim um ferramental de potencial interesse, no que diz respeito ao estudo de alguns aspectos da recepção jornalística, especialmente no que tange à dimensão comparativa e intercultural da valoração do material disponibilizado para consumo pelas empresas jornalísticas (agenda midiática). De fato, Shoemaker *et alli* (2010, p. 61) concluem que “as características dos itens de notícias mais populares, conforme determinado por audiências na

China, no Brasil e nos Estados Unidos” mostram que “os leitores destes países têm critérios diferentes em mente quando as suas ações colocam itens de notícias na lista dos mais populares”.

### **Marginália Jornalística e Guerra de Memórias**

“É como se o passado nevasse sobre nós”. Esta expressão usada por Régine Robin (2003), de empréstimo a Jean Christophe Bailly, ilustra imagetivamente a situação das sociedades contemporâneas, “saturadas de Memória” na visão da autora. Saturação de Memórias que se multiplicaram exponencialmente com as mídias eletrônicas; Memórias polifônicas e contraditórias, que disputam um lugar de existência e hegemonia regidas pelo fantasma de “guardar tudo” que acompanha nossa imersão no mundo virtual. Com a emergência e consolidação da Internet, um novo e altamente impactante elemento foi colocado em cena no que diz respeito à chamada “guerra das Memórias”. O conceito de guerra das Memórias vem sendo discutido por historiadores desde algum tempo e, para alguns, tal fator se tornou um elemento fundador do jogo de identidades nos quatro cantos do mundo (BLANCHARD; VEYRAT-MASSON, 2008, p. 23).

Louise Merzeau (2008, p. 294) assinala que “a Internet é bem mais que um suporte inerte no qual a guerra de Memórias viria simplesmente se projetar ou exprimir. Além de reproduzir as clivagens tradicionais, a rede produz também novas condições de elaboração, de manutenção e confronto memorialista, que apenas começamos a compreender”. Igualmente para a autora, uma avaliação plena das novas condições de produção de material memorialístico, requer que nos livremos dos lugares comuns do “déficit de Memória” e do “presente eterno”, adotando uma postura que reformule a questão dos conflitos de Memória em termos de estratégias, de poderes e de territórios. Em nossos ambientes informacionais, cada vez mais concorrenciais, “os lugares de memória instituídos buscam cada vez mais manter seu monopólio, [...] ameaçado pelos novos dispositivos de uma memória distribuída” (MERZEAU, 2008, p. 296).

A relação entre Memória e História, no âmbito acadêmico, vê-se evidentemente afetada por esses novos dispositivos e pela proliferação dessa Memória distribuída, exponencialmente produzida e em fluxo constante. Não cabe neste ensaio uma discussão dos posicionamentos que vêm sendo assumidos, neste particular, por diversos historiadores e pelas diversas linhas de historiografia. Remetemos os interessados para o trabalho de Gilles Boëtsch (2005), que pode servir como produtivo ponto de partida, especialmente no que se refere ao panorama universitário francês.

Como se colocariam, portanto, as Marginálias jornalísticas no contexto dessa guerra de Memórias? Esse produto da dimensão conversacional do jornalismo inaugurada (ou, para sermos mais precisos, altamente potencializada) pela comunicação em redes digitais, além de constituir mais uma adição nessa somatória de “neves de Memória” teria características específicas dignas de nota? Acreditamos que sim.

Em primeiro lugar cabe ressaltar o já assinalado caráter de espontaneidade que envolve esse tipo de contribuição nos *sites* jornalísticos. O acompanhamento desses polos de interesse espontâneo pode constituir-se, por si só, em “indicadores de atenção” para o historiador no que tange à prevalência de interesse público em determinados momentos e em determinadas constelações noticiosas. E isso não é coisa de pouca monta em uma sociedade caracterizada pela “Economia da Atenção” (DAVENPORT, 2001; LANHAM, 2006).

Minha sugestão central aqui é que, pensados enquanto Marginália, e enquanto material de passagem de Memória para História em um “sentido macro”, enquanto “massa de comentários”, importar-se mais o *Zeitgeist* ou *genius seculi* (Latim: *genius* – “espírito guardião” e *saeculi* – “do século”) a ser recuperado a partir desses conjuntos de participações de leitores de um determinado período e sobre um determinado assunto, do que especificidades de qualquer dos debates em particular, excetuadas as já mencionadas “pérolas” eventuais.

Um exemplo ilustrativo de como os Comentários de Leitores podem constituir material indicativo de panoramas mais amplos de que o assunto específico da própria notícia à qual estão apensados pode ser apreciado em recente polêmica estabelecida entre brasileiros e portugueses, em torno de um vídeo de propaganda da União Europeia. A peça visava valorizar mercadorias produzidas pelos países europeus, face à concorrência externa, e foi retirada de circulação por ter conotações xenófobas e racistas. O vídeo representava a Europa, transvestida em super-heroína, atacada por super vilões representando a China, Índia e Brasil. No caso brasileiro, o vilão era um capoeirista, com direito inclusive a um sambinha como música de entrada<sup>9</sup>. A informação sobre a retirada do vídeo, publicada no jornal português *Diário de Notícias*, gerou 46 comentários<sup>10</sup> que, enquanto tal, são pouco mais que insultos recíprocos e grosseiros, trocados entre portugueses e brasileiros. Uma leitura mais atenta, no entanto, detecta na polêmica reflexos da mudança relativa de posições de brasileiros e portugueses em face da crise econômica que se estabeleceu na Europa – e particularmente em Portugal - nos últimos anos, invertendo as posições quanto à desejabilidade de imigração

entre os dois países. De país de saída, que exportou mão de obra pouco especializada para Portugal no final dos anos 90 e inícios da década seguinte, o Brasil – agora em fase de relativa expansão econômica – tornou-se um possível destino para vítimas do crescente desemprego português<sup>11</sup>.

Figura 4. Uma leitura dos Comentários para além dos insultos recíprocos

The image shows a screenshot of a news article on the DN TV & MEDIA website. The page layout includes a top navigation bar with categories like 'INÍCIO', 'POLÍTICA', 'DESPORTO', 'CARTAZ', 'VÍDEOS', 'ESPECIAIS', 'GALERIAS', and 'ARQUIVO'. Below this is a secondary navigation bar with 'Portugal', 'Globo', 'Economia', 'Ciência', 'Artes', 'TV & Media', 'Opinião', and 'Pessoas'. The main content area features the article title 'UE obrigada a retirar anúncio por acusações de racismo' (UE forced to remove ad for racism accusations) by Dn.pt, dated 06 March 2012. A video thumbnail is displayed, showing a group of people on a stage. To the right of the video are social sharing tools (Facebook, Twitter, LinkedIn, etc.) and tags like 'media, União Europeia, TV & Me, Racismo'.

Outro aspecto digno de nota é o caráter de estabilidade de tais comentários, no sentido de que - uma vez postados - não poderão ser modificados por seu autor. Esta característica de estabilidade faz da Marginália jornalística uma peça que a distingue de outras formas de produção de conteúdos em rede que, em geral, tem um caráter “aberto” quanto à possibilidade de futuras correções, aditamentos, ou puro e simples apagamento. Em certos casos, como a *Wikipédia*, cabe falar-se de uma verdadeira guerra de posições memorialistas, fortemente marcada por colorações ideológicas, em torno dos artigos em temáticas mais polêmicas (MERZEAU, 2003, p. 295). A Marginália jornalística, em contraponto, pode ser caracterizada como uma forma de “Memória estabilizada”.

Abre-se, por outra parte, um importante questionamento

quanto à sobrevivência da Marginália jornalística enquanto material memorialístico e de possível interesse histórico. Até que ponto - e a despeito da alegada “síndrome do tudo guardar” (Robin, 2005) que marca nossas sociedades - serão tais contribuições efetivamente arquivadas e deixadas para a posteridade pelos responsáveis pela sua guarda e continuidade de disponibilização pública? Sabemos que, infelizmente, os processos de arquivamento e indexação do material jornalístico disponibilizado em rede ainda estão longe de uma normalização eficaz, que garanta a sobrevivência de seus produtos, em uma forma plena, facilmente recuperável. A preservação dos comentários/Marginália inscreve-se como mais uma preocupação a ser levada a sério no cenário das estratégias de consolidação do Ciberjornalismo.

E lembrando que Marginália, enquanto produção de um “texto paralelo”, deve ser entendida na acepção plena de “texto”, já que pode ser constituída igualmente por símbolos, gráficos, desenhos etc., e não apenas texto no sentido alfabético da palavra, a preservação da Marginália jornalística deve incluir, igualmente, os materiais imagéticos, sonoros, gráficos etc., eventualmente anexados à informação original à guisa de comentário.

## NOTAS

- 1 Cada uma destas áreas de problematização está coberta por ampla bibliografia. Os autores indicados aparecem simplesmente a título de ilustração de tais abordagens.
- 2 Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no II Congreso de Ciberperiodismo y Web 2.0, Bilbao, Espanha, em 2010, com o título: “Marginália no Ciberjornalismo: Os Comentários de Leitores na Constituição da Memória do Tempo Presente”.
- 3 Glosas (do Grego Koiné γλώσσα, que significa “língua” – o órgão – como também “linguagem”).
- 4 “*Quien primero percibió tal trascendencia fue D. Manuel Gómez Moreno (1911), que transcribió todas las glosas y las envió a Menéndez Pidal*” (GARCÍA TURZA; ÁNGEL MURO, 1992).
- 5 Um estudo realizado em 2009 nos Estados Unidos pela Scarborough Research em parceria com a Newspaper National Network LP (NNN) revelou que, naquele país, um exemplar de jornal impresso é lido, em

- média, por 3,3 adultos. Disponível em: <<http://www.masteremjornalismo.org.br/categorias/3-alem-da-noticia/noticias/2361-numero-de-leitores-por-exemplar-de-jornal-aumenta-75-nos-eua>>.
- 6 Veja-se, por exemplo: <<http://www.proquest.com/en-US/catalogs/databases/detail/pq-hist-news.shtml>>.
  - 7 O anonimato dos comentários pode ser algo com os dias contados. O exemplo mais radical no sentido de tentar controlar a identidade de quem comenta vem do ciberjornal norte-americano *Sun Chronicle*, que passou a cobrar uma taxa simbólica para inscrição de “comentadores”, com o intuito de garantir que os comentários de leitores tenham uma assinatura comprovável, por meio do uso do cartão de crédito. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/media/greenslade/2010/jul/13/paywalls-us-press-publishing>>.
  - 8 Como exemplos destacamos o *My Telegraph*, do britânico *Daily Telegraph* (<<http://my.telegraph.co.uk/>>) e o *Archives et Classeurs* do francês *Le Monde* (<<http://abonnes.lemonde.fr/web/classeur/1,28-0,1-0,0.html>>). Ambos fazem parte dos modelos de negócios dos dois jornais, sendo a ferramenta do *Telegraph* de uso gratuito enquanto a do *Le Monde* exige assinatura paga.
  - 9 O vídeo retirado de circulação pode ser visto no YouTube: <<http://youtu.be/nc62SOMYExA>>.
  - 10 *Diário de Notícias*, 6 mar. 2012: Disponível em: <[http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content\\_id=2345612&seccao=Media&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=2345612&seccao=Media&page=-1)>.
  - 11 Causou grande polêmica, em dezembro de 2011, a sugestão do primeiro-ministro português (Pedro Passos Coelho) no sentido que os professores portugueses deveriam olhar para o “mercado da língua portuguesa” como uma alternativa ao desemprego que afetava a classe em Portugal. Disponível em: <<http://www.ionline.pt/portugal/passos-coelho-sugere-professores-desempregados-emigrem-brasil-angola>>.

## REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. **El español, lengua milenaria (y otros escritos castellanos)**. Valladolid, Col. Ambito Castilla y León, 1982.
- BLANCHARD, Pascal; VEYRAT-MASSON, Isabelle (Orgs). **Les Guerres de mémoires**. La France et son histoire. Paris: La Découverte/Poche, 2008.
- BOËTSCH, Gilles. *L'université et la recherche face aux enjeux de mémoire:*

le temps des mutations. *In*: BLANCHARD, Pascal; VEYRAT-MASSON, Isabelle (Orgs). **Les Guerres de mémoires**. La France et son histoire. Paris: La Découverte/Poche, 2008. p. 185-198.

BRUNS, Axel. **Gatewatching**: Collaborative online news production. New York: Peter Lang, 2005.

CORREIA, João Carlos. Novo Jornalismo, CMC e esfera pública. **BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Labcom, UBI, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/correia-joao-jornalismo-cmc-esfera-publica.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2010.

DAVENPORT, Thomas; BECK, John. **A Economia da Atenção**. Ed. Campus: Rio de Janeiro, 2001.

DÍAZ NOCI, Javier; DOMINGO, MASIP, Pere; MICÓ, Josep; RUIZ, Carles. Comments in News, Democracy Booster or Journalistic Nightmare: Assessing the Quality and Dynamics of Citizen Debates. *In*: **Catalan Online Newspapers**, International Symposium on Online Journalism, Austin, Texas – 23 abr. 2010.

FIDALGO, António. A resolução semântica no jornalismo online. *In*: BARBOSA, S. **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: Labcom - Universidade da Beira Interior, 2007. Disponível em: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/ficha\\_barbosa\\_jornalismo\\_online.html](http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/ficha_barbosa_jornalismo_online.html)>. Acesso em: 08 ago. 2010.

FROSH, Paul; PINCHEVSKI, Amit (Orgs). **Media Witnessing**: Testimony in the age of mass communication, Basingstoke: Palgrave/Macmillan, 2009.

GARCÍA TURZA, Claudio; ÁNGEL MURO, Miguel. **Glosas Emilienenses**: Estudio Preliminar. Madrid: Gobierno de La Rioja, Testimonio Compañía Editorial, S.A., 1992. Disponível em: <<http://www.vallenajerilla.com/berceo/turzamuro/glosasemilianenses.htm>>. Acesso em: 04 set. 2010.

GILLMOR, Dan . **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GOMES, Wilson S.; MAIA, Rousiley C.M.. **Comunicação e Democracia**: Problemas e Perspectivas. São Paulo: Ed. Paulus, 2008. 372 p

JACKSON, H. J. **Marginalia**. Readers writing in books. New Haven and London: Yale University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **Romantic Readers**: the evidence of Marginalia. New Haven and London: Yale University Press: New Haven and London, 2005.

LANHAM, Richard A. **The economics of Attention**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

MAIA, Rousiley. C. M. . **Mídia e Deliberação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. v. 1. 380 p.

MERZEAU, Louise. Guerre de mémoires on line: un nouvel enjeu stratégique? *In*: BLANCHARD, Pascal; VEYRAT-MASSON, Isabelle (Orgs). **Les Guerres de mémoires**. La France et son histoire.: Paris: La Découverte/Poche, 2008. p. 287-298.

PALACIOS, Marcos. Positioning yet another idea under the glocalisation umbrella: Reader participation and audience communities as market

strategies in globalised online journalism. **Communicatio** - South African Journal for Communication Theory and Research, volume 36, issue 2, p. 276-287, aug. 2010.

\_\_\_\_\_. Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História. **I Congresso de Ciberperiodismo y Web 2.0**, Bilbao, 2009.

ROBIN, Régine. **La Mémoire Saturée**. Paris: Editions Stock, 2003.

SALMON, Christian. **Storytelling**: La machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits, Paris: La Découverte/Poche, 2007.

SINGER, Jane; ASHMAN, Ian. "Comment Is Free, but Facts Are Sacred": User-generated Content and Ethical Constructs at the Guardian. **Journal of Mass Media Ethics**, 24:3-21, 2009.

SODRÉ, Muniz. Tempo e Acontecimento. In: BARBOSA, Marialva; FERNANDES, Marcio; MORAIS, Osvando J. de (Orgs). **Comunicação, Educação e Cultura na era digital**. São Paulo: Intercom, 2009.

SHOEMAKER, Pamela J.; JOHNSON, Philip R.; SEO, Hyunjin; WANG, Xiuli. Os Leitores como Gatekeepers das Notícias On-line: Brasil, China e Estados Unidos. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, p. 58-83, 2010.

THURMAN, Neil. Forums for citizen journalists? Adoption of user generated content initiatives by online news media. **New Media & Society**, v. 10, n 1., p. 139-157, 2008.

ZELIZER, Barbie. "Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory". **Memory Studies**. London: Sage, 1, 79, 2008.

**Marcos Palacios** é doutor em Sociologia pela University of Liverpool. Professor Titular de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA e Professor Catedrático Visitante da Universidade da Beira Interior (Portugal). E-mail: palacios@ufba.br

RECEBIDO EM: 31/03/2012 | ACEITO EM: 01/05/2012